

BLOG

Apresenta novidades e análises em tempo real da equipe de colaboradores do Brasil Post

**FGV/DAPP**

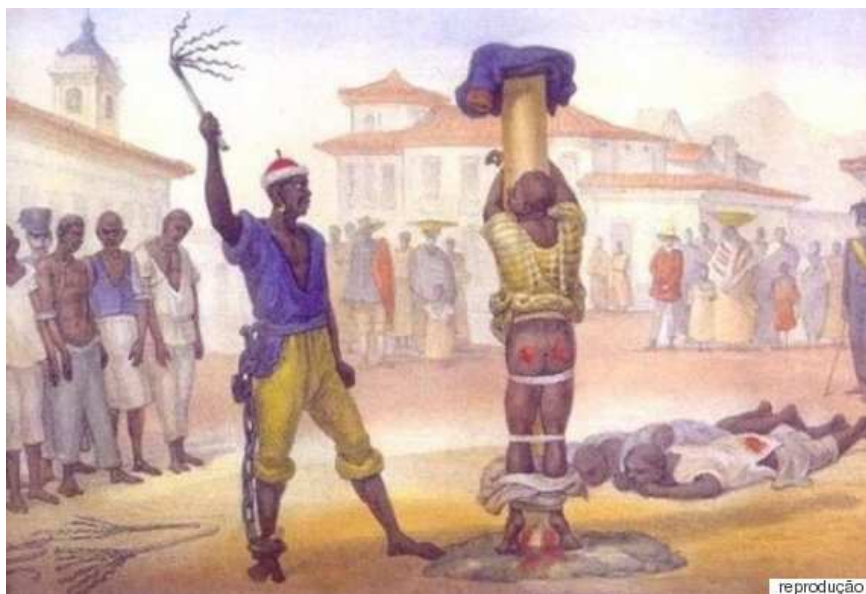
Favoritar

Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio

Vargas

Linchamentos e o 'caráter nacional brasileiro'

Publicado: 20/07/2015 15:28 BRT | Atualizado: 5 horas atrás



Por Margareth da Luz, Doutora em Antropologia e Pesquisadora da FGV DAPP

No início da semana passada, a primeira de julho de 2015, mais um linchamento chocou o país. Após tentativa de assalto em um bar em São Luís (MA), um homem acabou amarrado a um poste e foi espancado até a morte. Três dias após esse bárbaro evento, outros três casos ocorreram no Rio de Janeiro e no Maranhão, segundo matéria da revista Exame. Mas não apenas isso: de acordo com pesquisa do sociólogo José de Souza Martins, citada no referido artigo, há ao menos um caso de justicamento no país por dia: "[o Brasil] é o único país em que essas ocorrências não são surtos, mas uma ação contínua de turbas que se organizam com facilidade cada vez maior", afirmou.

O ocorrido revela que, apesar de nossa autoimagem de povo pacífico, receptivo e festeiro, somos também capazes de atos de extrema violência. Essa dimensão do, por assim dizer, "caráter nacional brasileiro" tem sido sistematicamente negada, seja pela ideologia dominante, seja pelo próprio povo que prefere se representar através de características positivas, como a hospitalidade, a camaradagem e a alegria.

Somos um país "abençoado por Deus e bonito por natureza", onde não ocorrem os grandes cataclismos que assolam alhures. Já na Carta de Caminha está esboçado o que seria, depois, assimilado como representação social: uma terra "graciosa" de "bons ares frescos", onde "dar-se-há nela tudo". Roberto Pereira vê nesse primeiro olhar sobre o Brasil, que focaliza sua exuberante natureza, figurando-a como a terra da promessa, o fundamento da teoria da cordialidade que constitui um dos traços da construção do nosso caráter nacional.

Os conflitos sociais que marcaram a história nacional sempre foram minimizados pelos livros didáticos e pelo discurso oficial. Canudos, Farrapos e Cabanagem são considerados episódios localizados de pequenos grupos revoltosos. Sem dúvida, o Brasil não passou por grandes rupturas em sua transição para a Modernidade, como ocorreu com os países da Europa e com os Estados Unidos, e esse fato tem sido usado como exemplo de nossa índole pacífica. Temos dificuldade de reconhecer nosso racismo, nos agarrando ainda à ilusão da democracia racial. Ignoramos que a colonização portuguesa e a expansão de nosso território - as Bandeiras - ocorreram sobre sangue indígena. Preferimos cultivar a imagem de povo cordial.


Foi no clássico "Raízes do Brasil" que Sergio Buarque de Holanda cunhou o conceito de cordialidade como herança de nosso passado colonial. Etimologicamente, cordial se origina do latim cor, cordis, ou seja, referente ao coração. Gerado no seio do patriarcalismo, o homem cordial age antes com o coração do que com a razão, sendo muito afável, doce e hospitaleiro, mas ao mesmo tempo muito violento.

A configuração da Casa Grande induz relações sociais marcadas pela proximidade e a intimidade e dificuldades de distinção entre os domínios público e privado, ou seja, a esfera doméstica impõe a lógica afetiva à esfera pública. A proximidade aliada à hierarquização, traço que Roberto DaMatta resalta em seus estudos sobre o Brasil, camufla a irredutibilidade das distâncias sociais e a nossa estrutural


desigualdade, porque há infinitas mediações. A lógica do sistema permite a intimidade entre superiores e inferiores, entre senhores e escravos, porque tudo está em seu devido lugar e "cada um sabe qual é o seu lugar".

Gilberto Freyre em Casa Grande & Senzala afirma que as amas negras amaciaram a língua portuguesa, amenizando as formas imperativas. O me dá, no lugar do dá-me. Preferimos os eufemismos, os diminutivos, falamos por circunlóquios e nunca o que realmente pensamos, pois seria grosseiro. Melhor uma mentirinha do que agredir com a verdade. Aprendemos a ser maleáveis, ter jogo de cintura, a evitar as situações constrangedoras. De fato, temos horror ao confronto. Sabemos que quem fala o que quer, ouve o que não quer.

O linchamento de Cledenilson nos diz muito sobre esse lado obscuro de nossa cordialidade, que se manifesta cotidianamente na primeira fechada que levamos no trânsito, na disputa por um lugar na fila de banco, na violência doméstica ou mais recentemente nas demonstrações de ódio nas redes sociais.

 [Curta a gente no Facebook](#) |

 [Siga a gente no Twitter](#) |

 [Siga a gente no Instagram](#)

VEJA TAMBÉM:

 [Capas do jornal Extra geram repercussão](#)

1 de 11 < >



Reprodução/[Extra](#)



MAIS: [País](#) [Política](#) [Sociedade](#) [Linchamento](#) [Violência](#) [Ódio](#) [Discurso De ódio](#) [Linchamento Maranhão](#) [Linchamento No Maranhão](#)

Conversas



Comentar...



Publicar também no Facebook

Publicando como **Yasmin Thayná** ▾

[Comentar](#)



Roberto Carvalho de Magalhães · Quem mais comentou

É triste admitir, mas o Brasil tem as raízes podres. Quem lincha não está somente castigando o linchado — ainda que de forma brutal: está, sobretudo, dando vasão à violência radicada profundamente em si próprio.

[Responder](#) · [Curtir](#) · 3 · [Seguir publicação](#) · há 20 horas

Plug-in social do Facebook

Pesquisa no Brasil Post

[Entrar](#) | [RSS](#) | [Dúvidas comuns](#) | [Contrato do usuário](#) | [Privacidade](#) | [Política de comentário](#) [Sobre nós](#) | [Entre em contato](#)

©2015 Abril Comunicações S.A. ou seus licenciadores (em especial, o The Huffington Post International). Todos os direitos reservados. | "Brasil Post" é uma marca registrada da TheHuffingtonPost.com, Inc. Todos os direitos reservados.

Parte de **HPMG News**